



EU ME LEMBRO MUITO BEM

O vento gelado do outono bagunça meu cabelo antes de entrarmos na casa. Eu estava nervosa, afinal, não é todo dia que se conhece a família do meu namorado.

- Jake, querido, entre. - Uma mulher arrumada nos dá espaço para passar.
- Mãe, essa é a Rebeca, minha namorada. – Jake sorri para a mulher.
- É um prazer conhecê-la! – Estendo a mão para ela, que retribui de bom grado.

Coloco meu cachecol vermelho no cabideiro. Começo a cumprimentar o resto da família. E é assim que continua todo o meu dia: comendo as melhores sobremesas que já havia experimentado e observando os antigos álbuns de fotos. O resto do feriado foi muito bom. Caminhamos pela floresta e andamos de carro pela pequena cidade.

Quando voltamos para casa, tudo mudou. Foi como um céu ensolarado que, de repente, era tomado por uma tempestade. Começamos uma discussão e Jake disse que muitas atitudes vindas de mim eram “infantis”, que, se tivéssemos idades mais próximas, tudo poderia ser mais fácil. E, de um modo como nunca havia me sentido, aquelas palavras me fizeram querer morrer.

Com o passar dos dias, as pessoas me perguntavam: “O que houve?” e, sem chorar, eu sempre respondia: “Ele! Ele acabou com tudo”.

Mais uma vez, acordava desse pesadelo de memórias, antes que as piores partes chegassem. O problema é que, mesmo depois desses meses, eu ainda me lembro muito bem, pois era um amor raro.

Jake enviou meus pertences de volta para minha casa, menos meu cachecol vermelho, que ele guarda como uma memória de nós, pois lembra muito bem o que ele representa.

Isadora Maria Andreis

9º ano / Itapema

2025